

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU**

Karoline Dias da Silva

**IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO
DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E SOCIAL DA CRIANÇA**

URUAÇU – GO

2022

Karoline Dias da Silva

**OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO E SOCIAL DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Goiás – Câmpus Universitário de Uruaçu
como requisito parcial para conclusão do
curso de Pedagogia sob orientação da
professora Ma. Cirlene Pereira dos Reis
Almeida

URUAÇU - GO

2022

SUMÁRIO

Introdução	4
Metodologia	6
Violência Doméstica : O que é e como se dá	7
Impactos da violência doméstica no desenvolvimento psíquico e social da criança	9
4.1 Impactos e consequências da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico e social da criança	11
4.1.1- O papel da escola no contexto de violência doméstica contra crianças ...	14
Considerações finais	16
Referências	18

I INTRODUÇÃO

O trabalho em tela objetiva discutir sobre o impacto e as consequências da violência doméstica no processo de aprendizagem de crianças. A violência doméstica é um problema social que anualmente vem tomando uma proporção maior e geralmente as maiores vítimas são mulheres e crianças.

Em consonância com Pfeiffer *et.all* (2011), a violência atinge grande parte da população, por isso mesmo tem sido vista como uma demanda social, requerendo, desse modo, um cuidado maior no que tange às áreas de segurança, educação, assistência social e saúde, uma vez que influenciam diretamente nessa questão.

E isso é muito grave, pois acaba gerando muitos problemas para suas vítimas, principalmente, se elas forem crianças, pois ficam com o psicológico abalado, afetando seu modo de viver. O que se pode fazer para erradicar esse grau de violência dentro dos lares? E como ajudar no ensino dessas vítimas após sofrerem esses abusos? Violência doméstica não é só o ato físico de agressão, é o tratar com indiferença, é faltar com respeito, é humilhar, é ofender, é fazer chacota, é explorar, entre outros, falaremos mais disso a seguir.

A escolha do tema foi algo pensado há bastante tempo, uma vez que, além de presenciar violências sofridas por pessoas próximas a mim e ainda trabalhei como professora auxiliar numa classe infantil. Durante as aulas, era uma constante o relato de crianças que sofriam agressões em casa, narravam cenas que viam com bastante detalhes, presenciavam com frequência e isso me comovia, geralmente, os relatos eram de brigas entre os pais, com muita violência. Sempre notávamos que as crianças estavam cada dia mais diferentes, as que amavam brincar já não queriam, se excluía, tinham medo de darem opiniões ou de me pedirem algo, falta de apetite, sono fora de hora porque, como as brigas aconteciam sempre tarde da noite, as crianças não dormiam porque o barulho era intenso, com isso dormiam na hora da aula.

É inegável que as consequências da violência doméstica são desastrosas para a criança, visto que ela aprende com cada situação vivenciada, seu psicológico é condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança tem contato é a família. O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o

desenvolvimento físico, mental e psicológico de seus membros um lugar “sagrado” e desprovido de conflitos.

Em consonância com Pereira (2009), a violência que ocorre no contexto familiar é chamada de violência doméstica ou intrafamiliar e não escolhe classe social, religião, ou etnia, ou seja, todos estão sujeitos a ela.

Praiano *et al* (2007), contribuindo com as discussões, ressalta que a violência doméstica, quando incide sobre crianças, é identificada quando existe ação e/ou omissão cometida por adulto com maturidade física e/ou psíquica, que desempenhe sobre a vítima a função de cuidador ou responsável. E complementa afirmando que esse tipo de violência, na maioria das vezes, é praticado pelos pais, pessoas com outro vínculo de parentesco, convivência, afeto, etc. Vêm de onde menos se esperava vir, posto que esses familiares teriam a função de cuidar e zelar pelos direitos da criança e não agredi-la.

Em 2009, o Ministério da Saúde publicou que, em média, 18 mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia no Brasil. Os dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) mostram que 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes foram causadas por parentes próximos. Ainda de acordo com o UNICEF, de hora em hora morre uma criança queimada, torturada ou espancada pelos próprios pais e 80% dos casos atendidos nas emergências hospitalares são consequência da violência cometida dentro de casa.

De acordo com Azevedo e Guerra (2001), existem quatro tipos de violência doméstica os quais podem envolver situações de abuso sexual, agressões físicas e verbais (psicológica) ou negligência por parte dos responsáveis à criança, bem como a violência intrafamiliar que é presenciada pela criança ou adolescente, mas não deixa de ser uma forma de violência. Cada uma dessas formas pode apresentar-se através de diferentes sintomas no cotidiano de crianças, e existem indicadores orgânicos que sinalizam a possibilidade de ocorrência de violência doméstica.

É nesse contexto que surge este trabalho de pesquisa o qual objetiva investigar quais os impactos e consequências da violência doméstica no desenvolvimento psíquico e social da criança. Como objetivos específicos, elegeram-se os seguintes: definir o que é violência doméstica, bem como o papel da família nesse contexto. Apresentar os tipos de violência existentes, e ainda seus indicadores orgânicos. Mostrar os impactos da violência doméstica no processo de

aprendizagem da criança e como isso pode influenciar a curto, a médio e a longo prazo no comportamento desse indivíduo.

Sobre a pergunta da pesquisa é: Quais os impactos e consequências da violência doméstica no desenvolvimento psíquico e social de criança?

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória. A pesquisa bibliográfica de acordo com Praia; Cachapuz e Pérez (2002) está fundamentada em base de material já construído, o que inclui livros físicos e virtuais e artigos científicos publicados em periódicos acadêmicos. Para o levantamento das informações foi realizada uma busca que abrangesse o assunto colocado em pauta.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, buscou-se material tanto físico quanto virtual que discorresse sobre a temática em tela.

O trabalho está baseado em cinco capítulos os quais serão delineados a seguir. O primeiro capítulo, a Introdução, apresenta a contextualização do tema, o problema de pesquisa, os objetivos gerais e específicos. O segundo capítulo, não menos importante, traz a metodologia adotada neste trabalho de pesquisa. O terceiro capítulo busca definir o que é violência doméstica, os tipos existentes e ainda o papel da família nesse contexto. O quarto capítulo, cerne deste trabalho, traz à baila os impactos psíquicos, sociais e desenvolvimentais que a violência doméstica pode gerar. O quinto e último capítulo traz as considerações finais

Espera-se que esse trabalho contribua para pesquisas vindouras.

2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: O QUE É E COMO SE DÁ

O vocábulo violência tem sua gênese no latim *violentia*, que nos leva ao radical *vis*, cujo significado é força, vigor, emprego de força física ou recursos do corpo em exercer sua força vital. E tal força transforma-se em violência ao ultrapassar um limite ou por perturbar acordos tácitos ou regras que ordenam as relações sociais (RODRIGUES, 2012).

Em conformidade com Organização Mundial de Saúde, a violência caracteriza-se pelo uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação Krug *et al.* (2002).

O número de violência vem crescendo constantemente, e suas principais vítimas são mulheres, crianças e idosos. Violência, não significa somente sofrer agressões físicas ela pode ser dividida em vários tipos: patrimonial, moral, sexual, psicológica, física e doméstica.

Sobre a violência patrimonial, é qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos. No que concerne à violência moral, é considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. A violência sexual trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. Sobre a violência psicológica, diz respeito a qualquer dano emocional, diminuição da autoestima, ações que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da vítima, ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões; a violência física é qualquer ato que ofenda a integridade ou saúde corporal da vítima; violência Infantil, caracterizada por todo ato tanto físico, como psicológico, maus tratos, abusos, negligências, falta de cuidados, exploração, torturas, ofensas, discriminação, entre outros.

E por fim e não menos importante e, por último, a violência doméstica: geralmente é cometida mais em mulheres, crianças e idosos, as vítimas sofrem

agressões, discriminações, torturas psicológicas, proibições, ameaças e em muitos casos perdem a vida. (Régis Mariana, s/d s/p),

De acordo com Albuquerque 2019, a violência doméstica, não é algo novo, ela acontece desde séculos passados, e como já citado, geralmente, os agressores são mais próximos do que se imagina, e fazem parte do âmbito familiar, os mesmos que deveriam cuidar e proteger. Já foi a época em que se poderia justificar agir com violência como forma de disciplina ou correção, atos assim não devem ser mais toleráveis. Qualquer tipo de constrangimento, palavras de baixo calão, atos de repulsa, exclusão, ofensas, agressões, tanto físicas quanto psíquicas e morais, não devem ser feitas ou praticadas.

Os agressores usam muito como justificativa o fato de serem os pais ou responsáveis da criança, e não medem seus atos, acreditam que para disciplinar alguém é necessário machucar ou reprimir, aí que se enganam, não é só porque são os responsáveis que significa que podem fazer o que bem entendem, e usar a típica frase : “ Não estou agredindo, somente corrigindo.” As crianças não são objetos, todos devem respeitá-las e protegê-las.

Em alguns casos, em alguns lares onde as famílias são desestruturadas, com vários problemas de convívio, falta de afeto, atenção e cuidado acontecem vários casos de gravidez indesejada na infância e na adolescência, a partir dos 12 anos de idade acima,

Na maioria das vezes, crianças que presenciaram violência, em alguma parte ou a infância toda, quando se tornam adultos e começam a ter algum relacionamento tendem a ter esse mesmo tipo de comportamento , uma vez que essa prática impacta em toda a vida do indivíduo, tanto nas relações afetivas como em outros contextos, legitimando a violência como estratégia de resolução de conflitos nas mais diversas situações. Dessa feita, evidenciaram-se nos últimos anos, a importância de olhar para o sujeito a partir do que recebeu das gerações anteriores e compreender a de que forma essas questões estão vinculadas ao que se denomina de transgeracionalidade.

2.1 Desenvolvimento psíquico e social da criança: um breve aparte

Segundo a autora Sonsin Juliana sd, primeiramente é importante explicar o que é cognição. A cognição é um conceito da psicologia que surgiu em meados dos anos 70 e se caracteriza pelo conjunto de habilidades que um indivíduo tem para perceber, interpretar, conhecer e prever os mais variados estímulos, gerando respostas condizentes a eles. Ou seja, é a maneira como nós percebemos o que e quem nos cerca por meio dos cinco sentidos.

Para Sonsin, na primeira infância que o indivíduo aprende muito e de forma rápida. As crianças absorvem todo o tipo de informação, emoções e experiências que são expostas. É por isso que, mesmo que ela não compreenda 100% determinada situação, os sentimentos e palavras ali inseridos serão incorporados. Quando a criança está em um ambiente de brigas constantes, falta de estímulos ou em condições de extrema pobreza e desnutrição, esses fatores culminarão na absorção somente de estímulos negativos, o que prejudica o desenvolvimento cognitivo e social.

Ao nascer, uma criança gera muitas mudanças na vida dos pais e da sociedade que a cerca. Considerando essas mudanças, muitos questionamentos surgem, tais como; quais responsabilidades essa criança vai gerar no âmbito familiar e social, quais as suas necessidade concernentes ao presente e ao futuro? Como devem ser a vida pessoal e educacional dessa criança? Como se desenvolverá ao longo do tempo? De que maneira educa-la para que seja um sujeito responsável e consciente de seus direitos e deveres, enfim, várias são as indagações que surgem.

Enfim, quando se tem responsabilidade, ao se trazer uma criança ao mundo, sabe-se que formá-la positivamente nos âmbitos psíquico e social não é algo simples. Entretanto, concomitantemente esse nascimento, em consonância com (Zaporóshetz,1987), representa a renovação das esperanças de homens e mulheres, posto que emerge uma nova oportunidade no sentido de alcançar a máxima humanização do sujeito, a partir da consolidação de capacidades práticas, intelectuais e artísticas e de afetos, capacidades essas constituídas na sua integração do sujeito à vida social, as quais se manifestam na sua forma singular de ser, de sentir e de agir.

3 IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E SOCIAL DA CRIANÇA

Em consonância com as autoras Martins e Jorge (2009), a criança e conseqüentemente a infância tiveram mudanças significativas, em meados século XII, as crianças eram tratadas como se fossem adultas, não havia o mínimo cuidado, muitas famílias acreditavam que quanto mais filhos tivessem melhor seria na hora de dividir os trabalhos cotidianos, se nascessem meninos, trabalhariam no campo com os pais, ou faziam serviços braçais, se nascessem meninas, faziam todos os afazeres de casa, comida e ajudariam a cuidar dos outros irmãos.

Naquela época, a maioria das crianças não curtia sua infância da forma que realmente deveria ser, não brincava, a maioria não possuía acesso a escolas, a mortalidade era um número muito grande, os abusos de poderes exercidos pelos pais ou responsáveis era muito abusivo, a vontade e os direitos da criança não eram respeitados, acarretando assim uma infelicidade e uma exploração enorme sobre a criança, que não possuía voz ativa e tinha que aceitar tudo calada e se reclamassem ou desobedecessem recebiam castigos duros e severos.

Para Gisele Neves (sd), com o passar do tempo, muita coisa mudou, e a sociedade começou a dar mais importância e diferenciar as crianças de adultos por volta do século XVII, nesse momento, a criança passa a possuir roupas de crianças, começa a ter acesso a escolas, começa a receber mais atenção e começa a receber e poder usufruir de seus direitos, ter uma alimentação todos os dias, não precisaria trabalhar ao ponto de sofrerem exploração, os castigos não eram tão severos igual antes entre outros.

Segundo Erlene Miranda (2009), baseando no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), toda criança tem o direito à vida e à saúde, sendo que essa garantia começa antes do nascimento, com a atenção humanizada durante a gravidez, o parto e pós-parto, de maneira a garantir o desenvolvimento adequado do bebê e um nascimento de forma segura.

Após o nascimento, o direito à saúde permanece, com os cuidados básicos durante toda fase do desenvolvimento infantil. As crianças têm o direito de ir e vir, de demonstrar sua opinião, de se expressar e participar da vida comunitária, este é o direito à liberdade. Elas também devem ser protegidas e serem mantidas sua integridade física, psíquica e moral e além de ter preservada a imagem, a identidade, a autonomia, os valores, as ideias e crenças, os espaços e objetos pessoais.

É direito da criança ser criada e educada no seio familiar e, excepcionalmente, em família substituta. A convivência familiar e comunitária é necessária para o bem estar da criança, o acolhimento dos pais e convivência social saudável é primordial para o desenvolvimento da criança.

Segundo a autora Amélia Hamze (s/d), a aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores

emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.

Para Frozza Fernanda (2017), a violência acarreta muitos traumas, principalmente, nas crianças, fazendo com que acabem sendo limitadas involuntariamente. A vítima que sofre alguns desses abusos físicos, morais ou psicológicos, adquire uma barreira interna, que a impede de aprender e absorver as informações passadas na escola, além de não confiar em ninguém, algumas vítimas se fecham para o mundo, se isolam, ficam introvertidas, não conseguem fazer amizades, pode ocorrer de começar a se mutilar, o mesmo começa a se diminuir, ser pessimista, achar que sempre está errado e o agressor sempre certo, não acredita que pode ser feliz, alguns acabam sendo mais reativos e começam a fazer o mesmo que sofre com outras pessoas, no caso aqui os colegas de classe, a professora, são rebeldes, violentos. Entre outros. Os traumas são graves e cada vítima reage de uma forma.

A escola e os professores devem ser muito sábios no sentido de saberem acolher essa criança sem assustá-la e encontrar uma forma e uma metodologia para fazer com que a aprendizagem seja ali desenvolvida de forma suave, respeitando o limite do aluno, acionando os órgãos capacitados para intervir pela criança se assim necessário, como por exemplo, conselho tutelar para que assim estejam averiguando se a criança está bem, e se não tiver tomar as medidas cabíveis para melhorar a vida do mesmo.

3.1 Impactos e Consequências da Violência Intrafamiliar no Desenvolvimento Psíquico e Social da Criança

Violência intrafamiliar é aquela que ocorre através de ações e situações realizadas por pessoas que fazem parte da família, como mãe, pai, padrasto, avós/avôs, tias/tios etc. A violência é algo que vem acontecendo há bastante tempo e cada dia se torna cada vez mais comum, muitas dessas ações de violência já vem sendo enraizadas desde séculos passados. Em meados séculos XV/XVI, mulheres e crianças eram tratadas com indiferença. (LOPES, Lilian 2021)

Para Lopes e Lilian (2021), nessa época, a violência intrafamiliar já se fazia presente na sociedade, a desigualdade social era grande, os maus tratos com crianças e mulheres aconteciam, as mulheres eram humilhadas, não possuíam voz ativa, não eram respeitadas, não eram reconhecidas, muitas sofriam agressões físicas e isso era normal, pois os maridos acreditavam serem donos dessas pessoas, viam-nas como suas propriedades, e isso era o que tinha que acontecer, tanto é que as filhas eram ensinadas a serem subordinadas aos maridos, o que eles falassem é o que era para serem cumprido, não importa o que era e se recusassem sofreriam punições severas.

O tempo passou, porém a violência ainda continua presente, só que de forma mais camuflada. Mesmo havendo leis e serviços policiais para evitarem tais atos ainda acontece, as estatísticas de mortes de crianças e mulheres são grandes. É difícil explicar o porquê de isso acontecer, o porquê dos agressores serem tão maus e violentos e o porquê também da maioria das vítimas não conseguirem se livrar de seus agressores.

A família é a base do indivíduo, é através dela que o ser humano é formado, é daí que aprende os valores, o certo e o errado, a se comunicar em sociedade, a respeitar as pessoas, a entender que todos são diferentes, que é preciso respeitar as opiniões contrárias, os filhos devem ser frustrados algumas vezes pelos pais, por isso precisam aprender que nem tudo que querem é o que ele podem ter, se essa criança nunca for frustrada, quando se tornar adulta não conseguirá receber esse não, o que pode gerar consequências diversas.

Segundo Wojcicki, Esther (2020), um filho é algo que exige muita responsabilidade, dedicação, empenho e paciência, tanto do pai, quanto da mãe, ambos precisam trabalhar juntos para promoverem uma boa educação para o filho. É preciso que a família esteja pronta para receber esse desafio, sabe-se que todo lar passa por dificuldades, por problemas e desentendimentos, mas é preciso ter muita maturidade para enfrentar isso, os filhos são os reflexos dos pais, então a família em geral devem saber o que falam perante eles, evitem comentários desnecessários, brigas e agressões e discussões constantes em frente das crianças, evitar bater nas crianças e desmotivá-las.

Se a criança convive com brigas e violências em geral, não recebe carinho, nem atenção, não é bem cuidada, e ainda sofre agressões físicas e morais pode ter

danos severos. O modo de sofrimento varia de pessoa para pessoa, cada um reage de forma diferente nos momentos de dor.

Segundo Souza (2006), os sintomas mais comuns de pós- violência tanto familiar como extra-familiar podem ser vários, dentre eles, a vítima pode se tornar uma pessoa introvertida se não era antes, pode ter medo de tudo e de todos, se tornar emotiva demais, começa a se autodepreciar, se torna uma pessoa sem autoestima, sem ânimo, a duvidar de suas capacidades, perde a confiança em si, se culpa pelo comportamento do agressor, acreditam que não merecem ser feliz e não conseguem ser feliz.

Para Souza (2006), vítimas já absorvem o sofrimento e passam a não demonstrar sentimentos, começam a fazer com outras pessoas o que já sofreram, agredem os colegas de sala, não respeitam os professores, não aceitam não de forma alguma, se tornam pessoas mal humoradas, sem educação e sem empatia com o próximo.

Segundo Queiroz (2021), os problemas psíquicos mais comuns que quase 90% das vítimas de violência e mais tratos passam a ter após esses acontecimentos são: depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, síndrome do Pânico, transtornos alimentares, muitos buscam um conforto ou uma felicidade passageira através da comida, a acabam comendo mais que o normal, isso acarreta mais problemas, agora envolvendo a obesidade e problemas prejudiciais a saúde envolvendo a obesidade, distúrbio da bipolaridade, distúrbios sexuais.

Em consonância com Queiroz (2021), muitas pessoas também acabam buscando refúgio nas drogas e nas bebidas alcoólicas, infelizmente o número de jovens e adolescentes usuários de drogas e de bebidas alcoólicas está cada vez maior, e isso acaba contribuindo para o aumento dos casos de mutilação e o suicídio.

3.1.1 Algumas formas de tratamento

Após romper o ciclo de violência, que, em muitos casos, se instala no próprio lar, as mulheres devem iniciar um processo de resgate da autoestima, de acordo com psicólogos. Há o consenso de que buscar uma melhora por meio da ajuda de profissionais da área é o mais recomendável. São eles que conseguem auxiliar as

vítimas em busca de dar nomes às emoções. A partir daí, de acordo com os especialistas, é possível trabalhar a autoestima que, normalmente, é prejudicada depois de episódios de violência.

Conforme explica Laura Frade, professora do curso de psicologia do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF), o resultado da violência doméstica, na mente da vítima, pode se assemelhar ao que é gerado em campos de guerra. Por essa razão, a instrução é que o terapeuta identifique em que grau desse quadro a paciente se encontra.

As crianças já prejudicadas por situações de violência entre os pais precisam passar por um atento acompanhamento psicológico que busca reduzir os sintomas, em uma adaptação do protocolo aplicado no tratamento de vítimas de violência sexual. “Caso essa criança esteja apresentando depressão, ansiedade ou estresse pós-traumático, a gente reestrutura cognitivamente e emocionalmente as experiências traumáticas dessa criança, desenvolve a aprendizagem numa perspectiva de evitar a revitimização, fazendo com que essa criança comece a desenvolver repertórios para saber lidar diante de situações de violência que perpassam o cotidiano e também o desenvolvimento dela”, explica Camille, citando também o trabalho de terapia cognitiva comportamental, usado para reestruturar de laços dentro da família da vítima. Tiradentes Grupo 2021

O processo de cura desses sintomas que exige tempo, paciência e tratamento, é indicado que as vítimas peçam ajuda, caso não consigam, é necessário que as pessoas ao redor as observem, o papel do professor é de suma importância nesses casos, pois se ele perceber algo que fuja do normal, e que esteja atrapalhando a convivência do aluno e o desenvolvimento dele na escola, deve comunicar ao grupo gestor, para que assim possam comunicar aos órgãos responsáveis, para que sejam tomadas medidas cabíveis.

A vítima precisa entender que não importa o motivo da agressão, nunca é culpa dela. O principal e mais indicado tratamento é ter acesso a um psicólogo, pois ele é capacitado, saberá conversar e ajudá-la de forma correta, promovendo assim um tratamento, desfazendo de tudo aquilo de negativo que foi jogado em cima dela, a vítima deverá se redescobrir e não desistir dela mesmo, sempre haverá uma saída

por mais difícil que seja, sempre será um dia de cada vez, é bom que ela se cerque de pessoas positivas, e que dialogue o que está sentindo .

A maioria das pesquisas relacionadas ambas sempre apontam para o tratamento psicológico, nota-se que, as doenças psicológicas são um dos principais traumas e os que mais afetam as pessoas, paralisando suas vidas de um certo modo, muitas pessoas desacreditam de si mesmo, e acabam se afundando. Do mesmo modo acontece com crianças, por serem pequenas, muitas vezes não conseguem entender o que realmente estão sentindo.

3.1.2- O papel da escola no contexto de violência doméstica contra crianças

O ambiente escolar é de suma importância na vida do aluno, é o local onde o estudante passa a maior parte do tempo, é através de lá que é feito o processo de socialização, democratização, é onde o indivíduo é conduzido a aprender a conviver em sociedade, a respeitar o próximo, respeitar todas as culturas diferentes, é feito o processo do desenvolvimento do senso crítico, a escola deve promover todos os valores morais e éticos, para que assim o cidadão saiba usar o que aprendeu na sociedade.

A escola é um local de ressignificação dos conteúdos, pois precisa promover a interação, estreitando os laços com a comunidade, sendo uma instituição que tem um papel essencial na sociedade, tendo como função, trazer juntos de seus objetivos a formação do caráter, valores e princípios morais, que direcionará o aluno a utilizar conhecimentos aprendidos de maneira eficaz, para que sejam aplicados em favor da sociedade e de uma realidade melhor para todos. Contudo, a escola precisa repensar sobre que tipo de sociedade ela pretende construir o papel da escola na sociedade é socializar o conhecimento, seu dever é atuar na formação moral dos alunos, é essa soma de esforço que promove o pleno desenvolvimento o indivíduo como cidadão. Com isso, a escola passa a ser o lugar onde a criança deverá encontrar os meios, para que possa se preparar para realizar seus objetivos vividos a cada dia. (Jesus, Adriana Santos sd)

O professor tem grande responsabilidade ao assumir uma sala de aula, uma de suas inúmeras funções é guiar os estudantes ao conhecimento, e fazê-los buscar e adquirir o desejo de aprender, o diálogo entre o professor e o aluno é um momento muito decisivo no processo de aprendizagem, é onde o professor percebe

suas dificuldade e onde ele mesmo precisa melhorar para ajudar os discentes a superarem essas dificuldades.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, retoma as concepções das DCNEI (2009) e possibilita a reflexão sobre as práticas e posturas docentes na Educação Infantil. Nessa proposta, o professor da infância, ao sair do centro do processo e se colocar ao lado, se torna um colaborador, participante competente, um pesquisador das pesquisas das crianças, capaz de garantir através da organização de tempos, espaços e materialidades, muitas explorações e investigações com e para as crianças. Não é aquele professor que transmite conhecimentos e sim aquele que aprende com o coletivo, que amplia possibilidades de aprendizagens e é um companheiro de aventuras nas descobertas com bebês e crianças bem pequenas e pequenas. (Clímaco Fernanda 2019)

Sabe-se que o aluno passa grande parte dos seus dias na escola em companhia dos professores e dos colegas, com isso, o professor e a escola em si aprendem a conhecer cada criança na sua individualidade, dos seus gostos, dos seus comportamentos, das suas habilidades entre outros. Há várias situações em que alunos sofrem algum tipo de violência e os alunos deixam transparecer e é nessa hora que certas medidas devem ser tomadas.

A medida é prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com o documento, os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos têm que ser comunicados ao Conselho Tutelar. Assim, caso um educador note os sinais, mas a direção da escola se omita da denúncia, é importante ressaltar que a notificação é obrigatória e a responsabilidade do profissional de educação é intransferível e pode ser legalmente cobrada. (Matuoka, Ingrid 2019)

Por mais que às vezes o caso parece estar resolvido e a melhor escolha é acionar as medidas da autoridade é necessário que haja certa cautela, para Matuoka 2019, o professor deve ser compressivo e não fazer perguntas invasivas para o aluno, o mais correto e o ideal é que essa conversa aconteça com algum psicólogo da escola, após o professor colher essa informação, é necessário que ele comunique a escola, para que ela faça o acionamento, o professor nunca deve tomar medidas sozinho, sempre precisa ser repassado a escola.

Em uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo em escolas públicas sobre violência doméstica feita pelas autoras: Lucilene Vagostello, Andréia de Souza Oliveira, Ana Maria da Silva, Valéria Donofrio e Tânia Cristina de Moraes Moreno, nota-se o quanto esse caso é delicado, principalmente para os professores, aqui está alguns trechos e porcentagens que mostram a gravidade deste assunto:

Em consonância com a pesquisa citada.

Todas as escolas onde a realização da pesquisa foi autorizada¹, observou-se sobretudo entre professores, temor e receio para responder às questões a despeito da garantia do anonimato. Não raro, os professores entregaram os questionários respondidos, mas deixaram em branco o termo de consentimento, temendo suas respectivas identificações. Nestes casos, os sujeitos eram novamente procurados e esclarecidos quanto à necessidade da assinatura do termo, reiterando-se o sigilo. A modalidade de violência mais observada entre os professores foi violência física (73,9%), seguida por abandono (46,4%), abuso sexual (43,5%) e agressão verbal (33,3%). Na amostra de diretores, as respostas mais freqüentes foram, respectivamente, violência física, abuso sexual e agressão verbal. A identificação dos casos de violência doméstica ocorreu predominantemente por meio do relato do próprio aluno (85,5%) e ainda pela presença de marcas corporais (58%). O comportamento do aluno também foi um indicador significativo para o reconhecimento do abuso (39,1%), enquanto que as faltas escolares (18,8%) e o relato da própria família (13%) foram os indicadores menos observados. Entre os diretores, as duas primeiras categorias de respostas também apareceram com maior frequência, porém em ordem inversa. A principal ação da instituição escolar frente ao conhecimento de casos de violência doméstica foi a convocação e orientação dos pais das vítimas (69,6%), resultado que contrasta com o encaminhamento aos Conselhos Tutelares, que se restringiu a apenas 33,3%. Em 21,7% dos relatos, a escola se omitiu frente aos casos de abuso (preferiu não se envolver no assunto), em 20,3% houve encaminhamento da vítima ao psicólogo e em 11,6% os pais foram ameaçados de denúncia. Resultados semelhantes apareceram no grupo de diretores. As intervenções da escola nos casos de violência resultaram, predominantemente, no compromisso verbal dos pais em modificar sua conduta (49,3%), seguido pela não ocorrência ou não percepção de recidivas (30,4%). Em 23,2% dos relatos, a criança recebeu atendimento psicológico, em 17,4% houve acompanhamento pelo Judiciário (Vara de Infância e Juventude) e em 11,6% a violência reincidiu. Resultados similares foram encontrados entre os diretores, cuja proporção de intervenção judicial foi ainda menor (apenas uma ocorrência).

Os professores consideram que seu papel frente à violência é comunicar à Direção da escola (74,7%) e convocar e orientar os pais (74,7%), sendo que o encaminhamento aos Conselhos Tutelares foi a categoria menos mencionada (35,4%). Todos os diretores

atribuíram ao professor a função de informar à Direção no caso de identificação ou suspeita de maus-tratos domésticos. A correlação entre violência doméstica e desempenho escolar foi percebida por 94,9% dos professores, com distribuição homogênea entre as categorias agressividade, baixo desempenho, indisciplina, falta de concentração e falta de motivação. Apenas 5,1% dos professores discordaram desta correlação e estes professores são exatamente os que declararam jamais ter encontrado casos de violência doméstica entre seus alunos e cujo tempo de magistério variou entre 7 e 15 anos. No grupo de diretores a percepção desta correlação foi unânime e igualmente homogênea.

Entre todos os sujeitos deste estudo, apenas 01 (um) diretor demonstrou conhecer um centro de preparação de profissionais para identificação e prevenção de maus tratos domésticos, o LACRI (Laboratório da Criança da Universidade de São Paulo). Nenhum professor manifestou conhecimento sobre este assunto.

Através dessa pesquisa nota-se, que por mais que se saiba o que fazer nesses casos, a maioria das pessoas que pensam em denunciar muitas vezes desiste, tanto pelo medo, por mais que a denuncia pode ser feita anonimamente, ou também pela insuficiência da lei, que em muitos casos, a denuncia vira somente uma ocorrência, mas mesmo que as estatísticas apontam que seja sempre assim, é aconselhável denunciar da forma correta, principalmente se a denuncia partir da escola.

O número de violência é muito grande, com o fato do enfrentamento de uma pandemia mundial, o número de casos de violência aumentaram. Nestes últimos anos a vida de todas as pessoas mudaram e tiveram que fazerem várias adaptações, muitas pessoas precisaram sair de empregos, outros foram demitidos, a crise social e econômica fez com que várias empresas chegassem ao vermelho, entroutros.

Por causa desses acontecimentos, as pessoas precisavam ficar em casa, não podiam trabalhar e não podiam ficar nas ruas como antes, por isso, houve o aumento da violência, só que um fato interessante, como veremos a seguir, o número de violência nas ruas, ou pelo vizinho diminuíram, mas as violências cometidas dentro de casa aumentaram, isso se deu pelo fato de que a maioria dos agressores serem pessoas próximas, como por exemplo, pais, mães, namorados, maridos, etc.

Segundo a pesquisa do portal G1 publicada em 2021, uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência no último ano no Brasil, durante a pandemia de Covid, segundo pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e divulgada nesta segunda-feira (7). Isso significa que cerca de 17 milhões de mulheres (24,4%)

sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano. A porcentagem representa estabilidade em relação à última pesquisa, de 2019, quando 27,4% afirmaram ter sofrido alguma agressão. Na comparação com os dados da última pesquisa, há aumento do número de agressões dentro de casa, que passaram de 42% para 48,8%. Além disso, diminuíram as agressões na rua, que passaram de 29% para 19%. E cresceu a participação de companheiros, namorados e ex-parceiros nas agressões.

Assim como nas edições anteriores (2017 e 2019) da pesquisa, as mulheres sofreram mais violência dentro da própria casa e os autores de violência são pessoas conhecidas da vítima. Em sua terceira edição, a pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil” ouviu 2.079 mulheres acima de 16 anos entre os dias 10 e 14 de maio deste ano, em 130 municípios do país. As respostas tinham como referência o período dos 12 meses anteriores à pesquisa.

Dentre as formas de violência sofrida, 18,6% responderam que foram ofendidas verbalmente, 6,3% sofreram tapas, chutes ou empurrões, 5,4% passaram por algum tipo de ofensa sexual ou tentativa forçada de relação, 3,1% foram ameaçadas com faca ou arma de fogo e 2,4% foram espancadas.

Segundo a pesquisa Datafolha, 73,5% da população acredita que a violência contra as mulheres aumentou no último ano e 51,5% dos brasileiros relataram ter visto alguma situação de violência contra a mulher nos últimos doze meses. A pesquisa mostra ainda que as vítimas de violência doméstica estão entre as que mais perderam renda e emprego na pandemia.

Nos dois primeiros meses de pandemia, dados do Fórum Brasileiro de Segurança mostraram um aumento do feminicídio no Brasil. Ao mesmo tempo, houve uma queda nos registros de lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica. Paulo Paula Paiva 2021

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou discorrer sobre os impactos que a violência pode causar na vida de uma pessoa, seja ela adulta, como principalmente em crianças, embora seja algo que aconteça praticamente todos os dias, este trabalho, busca fazer com que isso não se torne natural e normal.

Em relação à violência doméstica, é um tema impactante e que está cada dia mais presente na atualidade, a cada dia que passa crianças e adolescentes sofrem abusos tanto psicológicos como físicos e muitos acabam passando essa violência a diante e outros acabam adquirindo traumas severos que ficam marcados para o resto da vida.

Todo ser humano merece ser respeitado e a criança a partir do momento que recebe a vida também possui vários direitos e estatutos que devem ser seguidos a risca. O número de pais despreparados e famílias desestruturadas que acabam gerando filhos e após isso não dão a atenção e cuidados devidos são grandes também.

Quando um ser humano decide ter uma criança deve-se entender que é para sempre, uma criança necessita de cuidados, necessita de tempo, de acompanhamento, de condição financeira, de médico, alimentação, vestimentas, materiais didáticos, boa higiene e tudo isso depende de seu âmbito familiar para guiá-los e ajudá-los nesse processo.

Sempre colocamos a escola como algo muito importante para a vida do aluno, só que, todos precisam ter responsabilidades e cuidar de suas funções, é dever da escola, ajudar os alunos a receberem valores morais, éticos, ajudarem a eles a serem democráticos, a conseguirem conviver em sociedade, a serem seres pensantes, críticos, sábios, promover o desenvolvimento cognitivo, aprender a respeitar as diversidades e a opinião do próximo, entre outros, só que, é dever dos pais, promover a boa educação, os valores, o que podem e o que não fazer, não se pode jogar toda a responsabilidade do indivíduo na escola, a escola não ensina a ser educado, educação se adquire do berço, a escola incentiva a ser, é diferente.

Portanto, deve-se fazer o possível para erradicar a violência, é preciso que haja conscientização para as famílias em geral, muitos pais foram criados a base de violência e castigos severos, e muitas vezes acabam fazendo o mesmo com os filhos acreditando que estão corrigindo, mas correções não precisa serem feitas através de agressões, as crianças devem ser protegidas, amadas e não podem ser maltratadas, é necessário que haja olhos atentados para situações desse tipo para que medidas sejam tomadas. Quando uma criança sofre, acredito que quem falha é a sociedade em si toda, porque todos nós somos responsáveis pelo grau de violência presente nos dias atuais.

Atualmente muitas crianças não possuem mais infância como antigamente, hoje às brincadeiras são dentro de quartos com celulares e computadores, muitos pais não sabem ser pais, pois não existem mais diálogos, o número de crianças e adolescentes que estão entrando em depressão ou ansiedade é muito alto, pois a falta de entrosamento familiar e o descaso são grandes.

Acredito que o teor maior de haver muitos agressores é que, a maioria não tenha recebido ajuda quando eram crianças, a grande parte de pessoas que praticam agressões às vítimas são pessoas que já sofreram muito na vida, ou vivenciaram cenas parecidas, os atos de agressões é uma forma de escape, misturadas com bebidas alcoólicas e drogas acabam afetando e aumentando mais a ira fazendo com que recaia em cima das vítimas. Mesmo assim isso não justifica tais atos, se a pessoa não consegue se controlar deve procurar ajuda e a vítima deve denunciar sem medo.

Concluo meu trabalho com muita alegria em poder ter sido capaz de escrevê-lo, agradeço a todo o suporte que minha orientadora me deu, a todo o apoio da minha família que sempre acreditou em mim até o final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A violência em sala de aula: Uma análise no 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Dubas. Brasil Escola, sd. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.monografias.brasilecola.uol.com.br/amp/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm> Acesso em: 10/03/21

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006.

PENHA, Maria da. **Sobrevivi... posso contar.** 2. Ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. Disponível em: <https://cidadaniaejustica.to.gov.br/noticia/2019/7/2/conheca-os-direitos-fundamentais-das-criancas-garantidos-pelo-estatuto-da-crianca-e-adolescente/#:~:text=O%20Eca%20assegura%2C%20com%20absoluta,%C3%A0%20conviv%C3%Aancia%20familiar%20e%20comunit%C3%A1ria.> Acesso em: 06/02/2021

Gomes Romeu, Deslades, et al. **Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus tratos infantis na literatura.** Scielo, 7 de dezembro de 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000300014 Acesso em: 20/02/2021

Hamze, Amélia. **O que é aprendizagem?**, Brasil Escola, sd. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.educador.brasilecola.uol.com.br/amp/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm> Acesso em: 24/02/2021

Pais Tóxicos, Isto é, sd. Disponível em:
[https://istoe.com.br/54937 PAIS+TOXICOS/](https://istoe.com.br/54937_PAIS+TOXICOS/) Acesso em: 10/03/2021

Régis, Mariana. **Violência Patrimonial contra a mulher: Enfrentamento nas varas da família.** Jus Brasil, sd. Disponível em:
https://www.google.com/amp/s/marianaregisadv.jusbrasil.com.br/artigos/533794426/violencia-patrimonial-contr-a-mulher-enfrentamento-nas-varas-das-familias/amp_a.

Acesso 06/03/2021

Maus tratos infantis: um resgate da história e das políticas de proteção. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/nchdTGMYGvGJJShvkJWMyq#:~:text=Desde%20os%20prim%C3%B3rdios%2C%20a%20maior,e%20viol%C3%AAs%20contra%20as%20crian%C3%A7as>

Acesso: 06/03/2022

A Educação Infantil e o seu contexto histórico - Brasil Escola Disponível em:
Acesso: 06/03/2022
<https://www.google.com/amp/s/m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/amp/pedagogia/a-educacao-infantil-seu-contexto-historico.htm>

Violência doméstica: como superar o trauma e recuperar a autoestima disponível em:
Acesso: 07/03/2022
<https://www.google.com/amp/s/glamour.globo.com/google/amp/lifestyle/noticia/2017/12/violencia-domestica-como-superar-o-trauma-e-recuperar-autoestima.ghtml>

Violência Intrafamiliar : Suas formas e consequências. Disponível em: Acesso:
07/03/2022
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar>

Como criar filhos para o mundo, lições simples para resultados radicais. Disponível em: Acesso: 07/03/2022

https://scholar.google.com.br/scholar?q=Consequ%C3%Aancias+psicol%C3%B3gicas+da+viol%C3%Aancia+dom%C3%A9stica&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar#d=gs_qabs&u=%23p%3DYQwaL-QfKdwJ

Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas Disponível em: Acesso: 07/03/2022

https://scholar.google.com.br/scholar?q=Consequ%C3%Aancias+psicol%C3%B3gicas+da+viol%C3%Aancia+dom%C3%A9stica&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar#d=gs_qabs&u=%23p%3DIMqrYIJcYcAJ

O papel da escola na sociedade. Disponível em: Acesso: 07/03/2022

<https://www.google.com/amp/s/m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/amp/pedagogia/o-papel-da-escola-na-sociedade.htm>

Meu aluno é vítima de violência, o que eu faço? Blog. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/meu-aluno-e-vitima-de-violencia-o-que-eu-faco/> Acesso: 07/03/2022

Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de São Paulo Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/GZXDhj4bjHxHgT33tB6FBTj/?lang=pt> Acesso: 07/03/2022

A importância da primeira infância e o desenvolvimento infantil

Disponível em: acesso: 13/03/2022

<https://www.google.com/amp/s/www.telavita.com.br/blog/primeira-infancia/amp/>

Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa. Pesquisa G1 o Globo

Disponível em: acesso: 13/03/2022

<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghtml>

Vítimas de violência devem buscar na psicologia resgate da autoestima

Disponível em: acesso: 13/03/2022

<https://www.google.com/amp/s/agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-05/vitimas-de-violencia-devem-buscar-na-psicologia-resgate-da%3famp>

Violência doméstica também traumatiza as crianças

Disponível em: acesso: 13/03/2022

<https://portal.unit.br/blog/noticias/violencia-domestica-tambem-traumatiza-as-criancas/>